



# Os espaços da hospitalidade e as representações da mineiridade nas repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG)

*The spaces of the hospitality and the representations of the mineiridade at the student republics of Ouro Preto (MG)*

**Giordana Priscila Costa Silva<sup>1</sup>**  
**Leandro Benedini Brusadin<sup>2</sup>**

---

1 Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: gioordana@gmail.com

2 Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Franca. Pós-Doutorando na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto do Departamento de Turismo (DETUR) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: leandro@turismo.ufop.br

## Resumo

O entendimento dos espaços de hospitalidade apreendidos como forma de acolhimento territorial e temporal na cidade, na casa ou nos meios de hospedagem pode auxiliar na compreensão das trocas sociais. Este estudo é resultado de uma pesquisa vinculada as práticas e as representações da mineiridade nas repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Objetivou-se compreender as dimensões do acolhimento sob os âmbitos doméstico e comercial postulados entre o “anfitrião-morador” e o “turista-hóspede”. A pesquisa quali-quantitativa se deu por meio da aplicação de questionário estruturado, em amostragem aleatória e não probabilística, aos turistas que se hospedaram nessas repúblicas. Os resultados indicaram pontos dinâmicos dessa hospitalidade expostos em uma análise SWOT. Conclui-se que existe nesse espaço uma prática comercial hospitaleira, o qual se utiliza do aparato doméstico da tradição republicana da UFOP e da cultura mineira em uma troca social de dádiva.

**Palavras-chave:** Hospitalidade Doméstica. “Turista-hóspede”. “Anfitrião-morador”. Repúblicas estudantis. Ouro Preto (MG).

## Abstract

Understanding the areas of hospitality seized as a form of spatial and temporal host in the city, in the house or in the lodging facilities can assist in understanding of social exchanges. This study is the result of a survey regarding the areas of hospitality and the representation of the mineiridade at the student republics of the Federal University of Ouro Preto (UFOP). This study aimed to understand the dimensions of the host in the domestic and commercial areas postulates between the “host-resident” and “tourist-guest”. The quantitative method was through the application of a structured questionnaire in a random sampling and non-probability, to tourists who stayed in these republics. The results indicated that dynamic points hospitality exposed in a SWOT analysis. It is concluded that there is this space a hospitable commercial practice, which uses the domestic apparatus of the republican tradition UFOP and mining culture in a social exchange donation.

**Keywords:** HDomestic Hospitality. “Visitors-hosts”. “Hosts-residents”. Student fraternities. Ouro Preto (MG).

## 1 Introdução

O Estado de Minas Gerais caracteriza-se por ser dinâmico em representações sociais e tradições de uso dos seus espaços quanto ao modo de viver e conviver de seu povo. A hospitalidade mineira faz-se presente no imaginário social relacionado ao caráter mineiro e seus costumes, que lhe é próprio, tal como representada em diversos roteiros turísticos. Nesse cenário, é possível encontrar a hospitalidade em diferentes âmbitos, principalmente o privado, representado pela hospitalidade doméstica, diante da qual analisamos aqui um caso específico: as repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) a fim de se compreender sobre tais práticas e representações no contexto destas moradias. Entende-se que esse espaço tem como principal característica a intensificação das relações entre os indivíduos, seja sob a ótica do convívio entre veteranos e calouros, seja na disponibilidade da oferta de acolhimento e abrigo às pessoas que não são parte do cotidiano daquele ambiente como uma forma de “hospedagem” na cidade colonial e turística de Ouro Preto.

O entendimento dos espaços de hospitalidade, apreendidos como forma de acolhimento territorial na cidade, na casa ou nos meios de hospedagem, pode auxiliar na compreensão das trocas sociais humanas em usufruto do sistema do dom e da dádiva, concebido por Marcel Mauss (2008) em sociedade tidas como arcaicas, cujas trocas simbólicas valiam para o entendimento social, econômico e cultural.

Objetiva-se, nesse trabalho, entender a relação entre o “turista-hóspede” e o “anfitrião-morador” no espaço das repúblicas estudantis da UFOP, em Ouro Preto. Essa trama é repleta de características sócio-culturais que fazem parte do processo de troca, com base no acolhimento humano e no sistema do dom de Mauss (2008), em que a relação de dádiva é criada através da tríade “dar, receber e retribuir”.

O presente estudo também procura abordar questões pertinentes às trocas sociais nos espaços das hospitalidades doméstica e comercial, incluindo o aspecto da mineiridade, como forma de compreender o objeto de estudo e apresentá-lo como pertencente a esse contexto. Considera-se, por fim, entender e analisar a visão tanto dos visitantes, com relação ao tipo e à qualidade do acolhimento, bem como acerca da ocorrência do contato e do relacionamento direto com os anfitriões.

Assim, efetuou-se levantamento bibliográfico e sua posterior análise nas áreas de Hospitalidade, Sociologia, História, Geografia e Turismo em busca da compreensão teórica da lógica do acolhimento social no espaço e no tempo. Realizou-se, também, pesquisa quali-quantitativa com turistas que já se hospedaram, por algu-

ma vez, em repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A amostragem aleatória e não probabilística, diante de um universo indefinido, foi de 100 questionários, os quais foram aplicados em um intervalo de três meses, entre fevereiro e abril de 2014, utilizando-se a plataforma online Google Docs. Essa ferramenta de armazenamento de dados e a rede social Facebook foram utilizadas como meio de divulgação da pesquisa e contato com os pesquisados. A escolha dessas ferramentas deu-se por considerar esta uma forma consistente de comunicação com o grupo foco da pesquisa, posto a facilidade de acesso à internet que se tem na atualidade nesses grupos pesquisados.

Os resultados estão identificados e analisados nos gráficos e ainda representados didaticamente em um quadro de análise SWOT que serve para efeitos didáticos dos pontos controversos e, também, propositivos para desenvolvimento de tal lógica de hospitalidade. Dessa forma, as repúblicas de Ouro Preto serviram como objeto desse estudo objetivando o entendimento das relações de dívida entre os “turistas-hóspedes” e os “moradores-anfitriões”, termos cunhados pelos autores, em uma lógica espacial e temporal, permitindo, ainda, o entendimento social e cultural das práticas e representações da hospitalidade mineira nesse contexto.

## **1. A teoria e a prática da hospitalidade com base no acolhimento doméstico**

O estudo da hospitalidade vem se aprofundando e expandindo a cada dia diante de várias perspectivas de análise acadêmica. Nos estudos brasileiros é analisada como um fenômeno baseado na troca, de duas formas, como comércio e como dívida. Segundo Walker (2002 apud Dalpiaz et al, 2013), a palavra hospitalidade tem origem no latim *hospitalitate*, que significa o ato de hospedar, a qualidade de quem é hospitaleiro, a prática de alojar alguém gratuitamente, acolher, caracterizando uma prática tão antiga quanto a civilização.

Historicamente, a hospitalidade pode ser vista como um modelo ancestral de troca, existindo desde o começo da civilização como uma prática de acolhimento, como um fato social caracterizado pela dívida. Resume-se, essencialmente, em dar abrigo e alimentação a indivíduos que se encontram fora do seu habitat natural, de seu lar, resultando em um relacionamento direto ou não, entre anfitrião e hóspede. Dessa forma, pode-se considerar que a hospitalidade seja um processo de inserção do indivíduo ao meio social, ou a outros grupos, de maneira que ele se sinta parte dali, caracterizando “uma qualidade social antes de ser uma qualidade individual: é um fenômeno que implica uma organização, um ordenamento de lugares coletivos e,

portanto, a observação das regras de uso desses lugares” (GRINOVER, 2006, p.31).

A hospitalidade tem como função principal permear as relações entre as pessoas e, conseqüentemente, a convivência entre as mesmas por meio de trocas culturais e sociais que fortalecem os núcleos de vivência, caracterizando assim um processo relativo a pessoas e espaços, “uma atividade que possibilita abrigo e acolhimento, além de possibilitar o compartilhamento de valores e conhecimentos entre hóspedes e anfitriões”. Deve-se assim pensar a hospitalidade como um fato social que “implica práticas de sociabilidade, parcerias e serviços que facilitam o acesso (...) e, também, proporciona relações que vão além da interação imediata” (MONTEIRO, 2006, p.2).

Dessa forma, as atividades relacionadas à prática da hospitalidade se fazem presentes em diversos grupo e âmbitos. Inicialmente, tem-se a hospitalidade doméstica, considerada a matriz, por estar relacionada ao âmbito privado, onde surgiram todas as práticas de recebimento, hospedagem, alimentação e entretenimento dos anfitriões para com os hóspedes, inseridos no ambiente familiar. Pode ser definida, também, como a essência do acolher, o aconchego na sua forma mais simples e cotidiana, onde o anfitrião permite que o visitante sinta como se estivesse na sua própria casa. Daí, as razões da escolha desse tipo para a temática do presente artigo.

Em outra dinâmica, tem-se a hospitalidade comercial, diretamente associada à atividade turística, por estar relacionada aos serviços ofertados de recepção, hospedagem, alimentação e entretenimento pelos meios de hospedagem privados, específicos e limitados, tendo como base a troca monetária. Bem como a hospitalidade doméstica, a comercial deve ser autêntica, de maneira que caracterize uma oferta sincera e não robotizada, podendo atrair e fidelizar maior número de clientes que utilizam de seus serviços, garantindo a qualidade dos mesmos e das relações entre consumidores e prestadores.

Em outra perspectiva espacial e didática para compreensão da análise, tem-se a hospitalidade pública, inerente aos espaços públicos e coletivos das cidades, aos aspectos infra-estruturais e visuais oferecidos e disponíveis aos cidadãos, ao direito de ir e vir dos mesmos, permitindo-lhes o acesso a esses espaços com conforto e segurança, bem como aos equipamentos e serviços presentes nestes. A hospitalidade urbana é responsável pela impressão que o visitante terá do local, assim como, todas as relações físicas e não físicas do habitante para com a cidade.

E por fim, a hospitalidade virtual, que se traduz na oferta e recebimento de informações através de vários tipos de mídia, estando interligada a todos os outros tipos de hospitalidade. Assim, a hospitalidade virtual se concretiza a partir do momento

em que o visitante se identifica com o ambiente acessado, consegue as informações desejadas, atingindo o objetivo esperado.

A hospitalidade, como um todo, está relacionada ao processo de sociabilidade entre os indivíduos e à integração dos espaços, e deve ser pensada como uma relação social, onde o encontro de pessoas ou grupos com vivências culturais diferentes determinam o ambiente hospitaleiro (NEVES e ALEXANDRE, 2006). Além disso, associa-se sempre a hospitalidade ao meio turístico e seus serviços ofertados, refletindo na qualidade destes, ao conforto e satisfação total do turista. E nesse sentido, pode-se pensar que “(...) tanto para o turismo quanto para a hospitalidade, o foco restrito no viajante ou no anfitrião é menos benéfico do que o foco na interseção e no relacionamento entre ambos” (BEZERRA, 2007, p.340), o que nos leva a considerar o turismo como um fenômeno social antes de ser um negócio, tal fato que o vincula às teorias sociológicas utilizadas nessa pesquisa.

Entretanto, independente das interpretações dos autores sobre o ideal da hospitalidade, entende-se que em seus tipos o que importa é a relação de troca baseada na mutualidade. Fato é, que tais concepções se originam no ambiente do lar, denominado como hospitalidade doméstica ou privada, merecendo este destaque.

A hospitalidade doméstica, como já mencionada, pode ser considerada como essencial para o entendimento de todas as outras dimensões hospitaleiras, pois representa a forma mais tradicional dessa prática. De acordo com Lashley (2004, p.17 apud Frederico, Raposo e Oliveira, 2006, p.2), “a hospitalidade começa no contexto doméstico com as relações familiares”, estando presente, o “conjunto” dar, receber e retribuir, que contribui diretamente para o desenvolvimento dos laços de vivência social presentes no cotidiano.

Assim, é representada em um contexto puramente social, onde os comportamentos estão diretamente ligados à vida privada, a grupos pré-estabelecidos que se expandem através das oportunidades de vivenciar novas experiências e conhecer novas culturas, caracterizando um processo que ocorre de forma muito mais intensa do que nos outros âmbitos da hospitalidade, pois nessa não há um padrão de acolhimento, levando, muitas vezes, os anfitriões a mudarem suas rotinas e acolherem seus hóspedes de forma que estes possam se sentir “em casa” e sejam instigados a retribuir.

A hospitalidade privada nada mais é do que a prática da reciprocidade, a qual inclui a dádiva e o sacrifício pelo outro, bem como expectativas alimentadas pelo imaginário que envolve o ato de (bem) receber e acolher. E apesar de acontecer, geralmente, de forma natural, a hospitalidade doméstica envolve muitas posturas

e atitudes, tanto do anfitrião quanto do visitante, que influenciam diretamente no processo. O anfitrião deve respeitar a cultura e o modo de vida do visitante e o hóspede deve tomar cuidado para não invadir o espaço de seus anfitriões.

Vale reafirmar que os relacionamentos que permeiam o processo da hospitalidade dependem intimamente de princípios que direcionam as condutas dos indivíduos envolvidos, o que varia de comunidade para comunidade e faz parte da história das famílias. Portanto, o processo faz-se coletivo, mas de responsabilidade individual em relação a manter as tradições e repassá-las da forma mais hospitaleira possível, tal fato experimentado no espaço doméstico das repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG).

## **2. Hospitalidade doméstica e mineiridade nas repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto**

A sociedade brasileira tem seu cotidiano marcado por uma herança cultural recheada de particularidades, manifestações e comportamentos que representam o famoso “jeitinho brasileiro” de viver, de levar a vida e de conviver com o outro, onde se insere a questão da cordialidade. E nesse contexto, podemos destacar o estado de Minas Gerais, onde seu povo é conhecido por ser acolhedor, simpático e atencioso, em grande parte pronto para receber o outro e lhe oferecer o que há de melhor da cultura mineira, mas que, como qualquer cultura ou grupo social, não deixa de apresentar problemas em sua hospitalidade na práxis cotidiana do acolher.

Desse modo, o brasileiro é tradicionalmente conhecido como um povo hospitaleiro, fruto do seu próprio imaginário social e dos estrangeiros que nos visitam. Pertencente a uma cultura diversificada, tal aspecto simbólico é conhecido internacionalmente e sua história traduz as características que os representam, pois “a tradição de cada povo é fruto de uma dada cultura social permeada pelo tempo em um determinado espaço” (AMARAL, 2014, p.29).

A mineiridade foi sendo construída através dos tempos, a partir de uma visão registrada em relatos de viajantes estrangeiros que, no início do século XIX (DIAS, 1985), vieram explorar e descobrir o que o território mineiro tinha a lhes oferecer. Portanto, pode-se dizer que, desde então, a identidade mineira foi essencialmente baseada no imaginário social, “uma construção mental de algo idealizado, conjuntura aspirada e desejada, porém sem comprovação prática” (MAGALHÃES, 2009, p.7).

É válido considerar que os principais traços da cultura mineira se formaram no período da mineração, marco importante no processo de criação dos seus arraiais e vilas, a organização do seu espaço e conseqüentemente sua urbanização. A influência



dos portugueses também é indispensável de ser citada, principalmente no que diz respeito à constituição dos costumes domésticos, repletos de tradições familiares e religiosas.

Assim, os diversos aspectos socioculturais, as características da vida cotidiana de Minas Gerais e criação de um imaginário sobre a essência do caráter mineiro, de ser um povo desconfiado e afável (DIAS, 1985), foram dando forma às representações que se disseminariam com o passar dos anos, tornando indissociáveis os adjetivos e os indivíduos. Portanto, a mineiridade tornou-se símbolo dessa hospitalidade, no momento em que as práticas relacionadas a tal fortalecem os laços sociais, criam e mantém vínculos entre os seres humanos, estabelecendo, assim, um padrão cultural característico da comunidade mineira para com as pessoas que visitam seu estado, em um regime de trocas.

Nesse contexto, são múltiplos os exemplos que se pode dar em relação à prática hospitaleira de Minas Gerais, e dentre todos, escolheu-se o caso das repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto para ser objeto de estudo, diante da análise da receptividade e do acolhimento humano, baseados na voluntariedade e compartilhamento social e cultural.

Foi no Brasil do começo do século XX que começaram se efetivar as primeiras universidades. Entretanto, em algumas partes do país já se notava a existência de instituições isoladas de ensino superior, como as Escolas de Minas e de Farmácia, que foram criadas ainda no século XIX, na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Em 1839 foi criada a Escola de Farmácia, que só seria inaugurada no ano seguinte (GODOY, 2010), sendo a primeira do gênero nas Américas e o primeiro curso superior da província. Logo, em 1876, houve a aprovação da lei na Assembleia Legislativa da Província de Minas Gerais que resultaria na fundação da Escola de Minas. Assim, foi inaugurada no dia 12 de outubro desse mesmo ano, pelo químico e mineralogista francês, Claude Henri Gorceix, com apoio do imperador, Dom Pedro II, e logo se tornou uma das principais instituições de ensino do país na época, juntamente com a Escola do Caraça.

Décadas depois, acreditava-se na necessidade da criação de uma universidade, de maneira que, em 21 de agosto de 1969 houve a implementação da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, por meio de Decreto-Lei assinado pelo Presidente Costa e Silva, incorporando as Escolas de Minas e Farmácia.

Dessa forma, pode-se considerar que a vida estudantil de Ouro Preto tenha surgido com a fundação da Escola de Farmácia, mas a origem das repúblicas veio provavelmente com a consolidação da Escola de Minas. Até o começo do século XX, a

maioria dos estudantes alugava quartos em casa de família ou morava em pensões, mas o grande número de casas vazias e o baixo aluguel cobrado na cidade, devido à situação de esvaziamento decorrente da mudança da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, foi um dos principais motivos que incentivaram a criação do tipo de moradia estudantil que se tornariam as repúblicas.

Não se sabe da existência de registros oficiais acerca da criação das repúblicas em Ouro Preto, até mesmo devido ao estudo ainda pouco explorado do tema, mas acredita-se que o sistema foi diretamente influenciado pelas repúblicas de Coimbra, pelo fato de Portugal ser destino de vários estudantes brasileiros no século de XIX, devido o ensino superior aqui ainda estar se fortalecendo nessa época.

Essa forma peculiar e singular de moradia universitária, há décadas, representa muito mais do que uma simples forma de moradia, guarda consigo muitas características e tradições, e se tornou parte da história e da vida cotidiana da cidade.

Em Ouro Preto, não são somente casas onde os estudantes dividem o ambiente e as contas, representam mais no imaginário social, pois traduzem ambientes de afetividade e total convivência entre os jovens. Pode-se dizer que são uma “extensão da universidade, [e] possibilitam o alargamento das experiências proporcionadas ao longo do período de formação” (FREITAS, 2013, p.11). Diversas casas ou casarões, localizados em diferentes bairros da cidade, acabaram por servir de abrigo para as repúblicas, onde moram vários estudantes que dividem as despesas em geral e aluguel (no caso das repúblicas particulares). Geralmente, moram apenas mulheres ou apenas homens, mas existem também repúblicas mistas, onde “a autonomia, a cooperação, a solidariedade e o apoio mútuo são formas de interação com as práticas tradicionais” (MALTA, 2010, p.59).

Todas elas possuem um nome desde sua fundação, dos mais variados e criativos. Esses nomes ficam expostos em suas fachadas no formato de placas, também criativas, e essa identificação acaba servindo também de ponto de referência para todos que moram na cidade.

A grande maioria das repúblicas possui uma hierarquia de funcionamento interno, a qual busca auxiliar na organização e na divisão de responsabilidades da casa, levando-se em consideração também suas representações sociais simbólicas. Em geral, as tarefas e necessidades do dia-a-dia de uma república são divididas entre todos os moradores, para que todos aprendam a lidar com a independência, com a rotina de uma casa que agora é sua e não mais dos seus pais.

Diante disso, para que o bixo (calouro) se torne oficialmente membro da repú-

blica, é preciso que ele passe por um período de adaptação, chamado de batalha, quando ele detém a responsabilidade por algumas tarefas que o permitirão ser aceito ou não pelos demais moradores. “As tradições orientam a continuidade de práticas cotidianas e modos de habitar a casa” (MALTA, 2010, p. 58), e é importante que o bixo tenha interesse em perpetuar o ideal daquele grupo e dar continuidade àquela república, respeitando sua história e das pessoas que moraram ali.

A semelhança entre os estilos de vida e ideais são fundamentais para que os calouros permaneçam, e é isso que faz das repúblicas mais do que uma casa na qual se mora com outras pessoas desconhecidas, criando-se verdadeiras “irmandades”, onde se ganha amigos, irmãos, uma nova família, havendo cooperação, respeito e cumplicidade nas relações.

Como parte da tradição, o ciclo do estudante na república se “fecha” quando este se forma e inaugura o quadrinho, ou seja, na comemoração de sua formatura, os demais moradores e amigos realizam uma homenagem ao formando, contando suas histórias do tempo de graduação, apresentando-o agora como um ex-aluno e mostrando a todos os presentes a foto que ficará emoldurada em um pequeno quadro na parede da república, juntamente com as dos outros ex-moradores.

Além disso, é válido destacarmos as tradições festivas das repúblicas, onde festa é denominada rock, termo este que traduz todo tipo de festa, qualquer dia da semana, pago ou gratuito, motivo de comemoração ou não. Não está necessariamente relacionado com o gênero musical. O termo rock não define “propriamente um show, mas são as festas nas ruas e as boates nas repúblicas; são os eventos, os encontros e as baladas; (...); etc” (MALTA, 2009, p.6). Pode ser reunião da turma da faculdade, das repúblicas, comemoração de um momento importante, desde que tenha bebida alcoólica, principalmente, cerveja e cachaça, e bastante.

É importante dizer que a liberdade individual de cada membro, para os republicanos, é respeitada e articulada ao ambiente coletivo, de forma que a convivência entre todos se torne ponto-chave para as boas relações, aceitação de diferenças e quebra de preconceitos. “Cada jovem traz uma bagagem de experiências vividas e influências de circunstâncias históricas e sociais específicas. No ambiente da república a trajetória de vida de cada um entra em contato com a trajetória dos outros” (FREITAS, 2013, p.6). Contudo, é essencial que haja sempre momentos de confraternização do grupo, como parte do cotidiano da casa, prezando-se a coletividade acima de tudo. Tais lógicas se referem consideravelmente ao que denominamos como regime de troca postulado no ambiente da hospitalidade doméstica.

Nas últimas décadas, o número de repúblicas cresceu significativamente na cida-

de, devido ao aumento do número de cursos e vagas oferecidos pela universidade com o REUNI (Reforma Universitária de expansão do ensino superior iniciada no Governo Lula). Hoje, existem 58 repúblicas federais, ou seja, repúblicas nas quais o imóvel é de propriedade da UFOP, e cerca de 300 repúblicas particulares em imóveis espalhados por toda cidade de Ouro Preto.

Como parte do cotidiano, “o estabelecimento dos laços de amizade, de afetividade dentro das repúblicas merece destaque” (FREITAS, 2013, p.11), de forma que tal característica dissemina-se para com indivíduos que não fazem parte da classe republicana, sejam amigos, familiares ou desconhecidos.

Além disso, torna-se importante mencionar ao analisar as repúblicas estudantis de Ouro Preto sob o prisma da hospitalidade, pois é bastante comum que os republicanos recebam pessoas de fora em suas casas em dias comuns, fora das datas especiais e comemorativas. Muitos amigos e parentes de moradores ficam “hospedados” nas repúblicas quando vem visitá-los ou conhecer a cidade, e estes fazem o possível para que todos se sintam à vontade e tenham liberdade de circular por todo ambiente. Isso traduz uma prática de hospitalidade doméstica, pois há uma receptividade voluntária, um acolhimento simples e natural, permeado por laços afetivos e sociais, onde os republicanos fazem o papel de anfitriões.

Também se pode observar que várias repúblicas abrem as portas de suas casas para “turistas”, ou seja, pessoas desconhecidas vindas de outras cidades, estados ou países. Aqui, já existe uma troca monetária direta, sendo que as repúblicas oferecem a “hospedagem”, permitindo que as pessoas durmam e tomem banho e, às vezes, façam uso de outras partes da casa, a um valor bastante acessível e, muitas vezes, simbólico, se considerarmos as tarifas da hospitalidade comercial propriamente dita de Ouro Preto. O dinheiro recebido é sempre utilizado para quitar gastos da república ou para compra de algo necessário para a casa.

O fato de envolver dinheiro pode gerar dúvidas com relação a ser ainda uma representação de prática de hospitalidade doméstica ou não, podendo então ser uma prática de hospitalidade comercial. Mas, diante dos significados, pode-se considerar que, mesmo envolvendo pagamento monetário, há uma relação direta entre visitante e anfitrião, de forma que aquele fica em segundo plano e não é determinante na hospedagem, além de que as trocas culturais acabam ocorrendo em detrimento das trocas monetárias, buscando de forma autêntica um regime de troca no ambiente doméstico, permitindo, assim, que o “turista-hóspede” seja inserido no cotidiano da república, compreenda as regras e os limites, e muitas vezes, construa laços de amizade com os moradores.

Contudo, para se compreender melhor esse cotidiano e quais são os pontos positivos e negativos, realizou-se uma pesquisa quali-quantitativa, envolvendo a percepção tanto dos “turistas-hóspedes”, buscando traçar, de forma geral, o perfil desses visitantes e caracterizar essa prática singular de hospitalidade nesse espaço inserido em um grupo social específico, no que tange a teoria da hospitalidade e aos aspectos da mineiridade, sendo ambos entrelaçados de forma dinâmica nesse objeto de estudo.

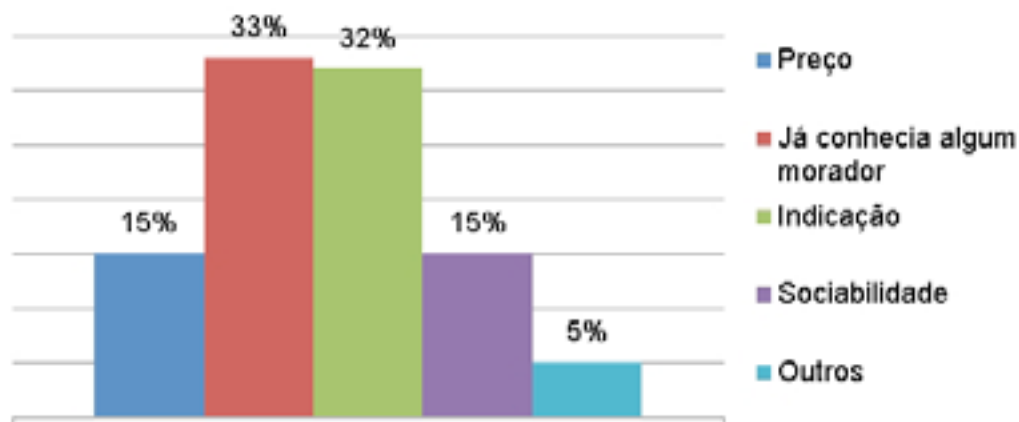
### **3. Análise Social da Hospitalidade nas Repúblicas Estudantis da UFOP**

Um número significativo de repúblicas estudantis da UFOP tem o costume de receber visitantes para pernoitar em suas casas, vindos de diversas partes do Brasil e do mundo, de forma gratuita ou não, como mencionado anteriormente. Tal acolhimento ocorre de forma bastante simplificada, resumindo-se, grosso modo, à cama e banho. Geralmente, os hóspedes são inseridos na rotina da república e apresentados ao funcionamento da mesma e às suas regras e tradições.

Contudo, diante dos dados que foram obtidos, foi possível analisar diversas características dos visitantes que optam por se “hospedarem” nas repúblicas estudantis quando vêm à cidade de Ouro Preto e traçar um perfil genérico deste tipo de “turista-hóspede”, dos quais serão relatados os principais pontos diretamente relacionados à dinâmica da hospitalidade em si.

A pesquisa aplicada pelos autores, sob o método quali-quantitativo aleatório e não probabilístico, em formulário online estruturado no Google Docs, demonstra que a maioria dos “turistas-hóspedes” optaram por uma estadia em república (Gráfico 1) pelo fato de já conhecerem algum morador, possuindo laços de amizade ou familiar, por exemplo, e por indicação de pessoas que têm conhecimento das repúblicas ou que já haviam se “hospedado”. Em menor número, têm-se as pessoas que afirmaram terem sido motivadas se “hospedarem” pela sociabilidade do ambiente republicano, visto que o caráter coletivo dá oportunidade para esta, e pelo custo, que pode ser considerado simbólico se comparado às tarifas da hospitalidade comercial de Ouro Preto. Já uma minoria, representa os que vieram às repúblicas por outros fatores, como, por exemplo, a ocorrência de algum evento acadêmico.

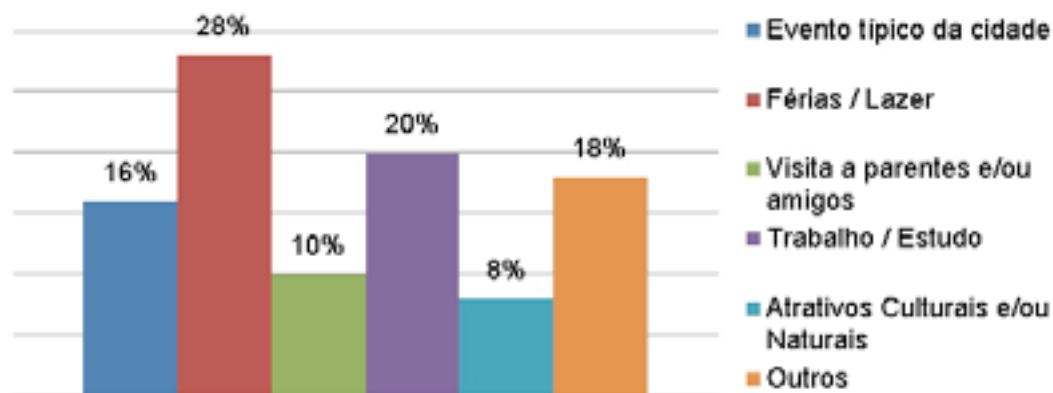
**Gráfico 1 – Motivos que levaram os entrevistados a se hospedarem em uma república**



Fonte: Pesquisa dos autores.

Logo, nota-se que a maioria dos “turistas-hóspedes” justificaram suas vindas a Ouro Preto por motivos como férias ou lazer (Gráfico 2), bem como por compromissos de trabalho ou estudo, entre outros, como festas de formatura de conhecidos ou concursos, por exemplo. Observa-se, também, que um número pequeno, mas significativo de pessoas, vem atraído pelos eventos típicos da cidade. Os que vêm apenas com o intuito de visitar amigos e parentes, juntamente com os que vêm pelos atrativos culturais e naturais da cidade representam a minoria.

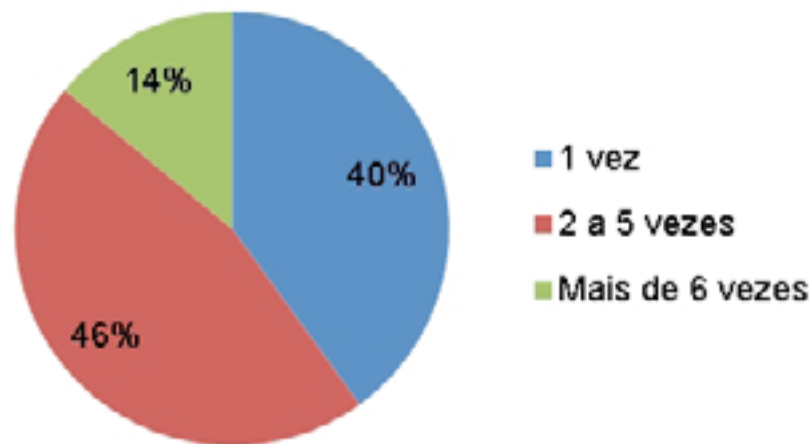
**Gráfico 2 – Motivos que trouxeram os entrevistados à Ouro Preto**



Fonte: Pesquisa dos autores.

Outro dado pesquisado de bastante relevância foi com relação à quantidade de vezes que os pesquisados já se “hospedaram” em alguma república (Gráfico 3), quando a maioria disse ter se hospedado de 2 a 5 vezes, o que nos leva a crer que um grande número de visitantes tenha sido bem recebido e que a estadia como um todo tenha sido satisfatória para ambos. Ao contrário, outra parcela bem significativa afirmou ter ficado apenas 1 vez em alguma república. Já a minoria relatou ter se “hospedado” mais de 6 vezes, o que, analisando-se de forma geral os números, temos a grande maioria como prova da hospitalidade das repúblicas estudantis ouropretanas.

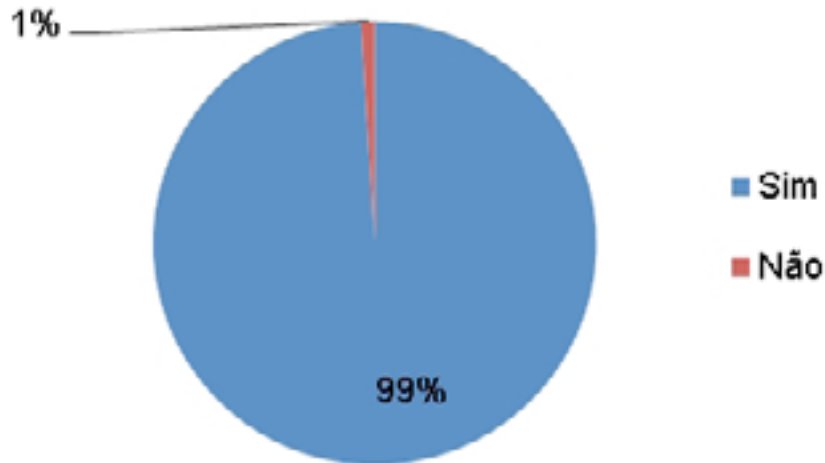
**Gráfico 3 – Número de vezes que os entrevistados já se hospedaram em república(s)**



Fonte: Pesquisa dos autores.

Quando indagados sobre a pretensão de se “hospedarem” novamente em uma república (Gráfico 4), obteve-se 99% de respostas positivas dos entrevistados, quase a totalidade. Isso traduz a satisfação dos visitantes com relação às estadias e às práticas de hospitalidade estabelecida nas moradias estudantis.

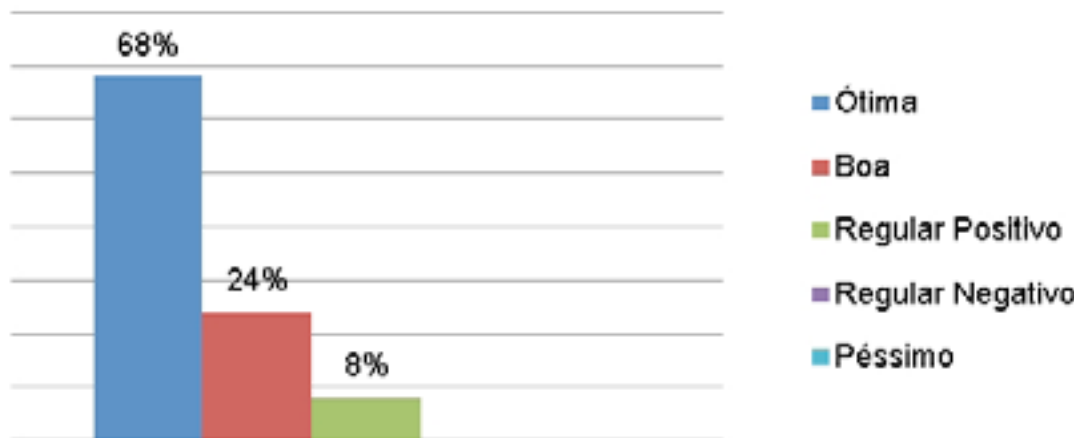
**Gráfico 4 – Pretensão dos entrevistados de se hospedarem novamente em uma república**



Fonte: Pesquisa dos autores.

Já com relação à infraestrutura oferecida pelas repúblicas estudantis e o funcionamento das mesmas para com os visitantes (Gráfico 5), a avaliação foi, em grande maioria, dita como ótima pelos entrevistados. Os que avaliaram como boa vem em seguida, e regular positivo aparece como ponto de vista da minoria. Pode-se perceber ainda nesse mesmo gráfico que não houve nenhuma avaliação negativa, de forma que se pode supor que seja satisfatória, mesmo que em graus diferenciados, a totalidade dos indivíduos que se “hospedam”.

**Gráfico 5 – Avaliação dos “turistas-hóspedes” para a infraestrutura**

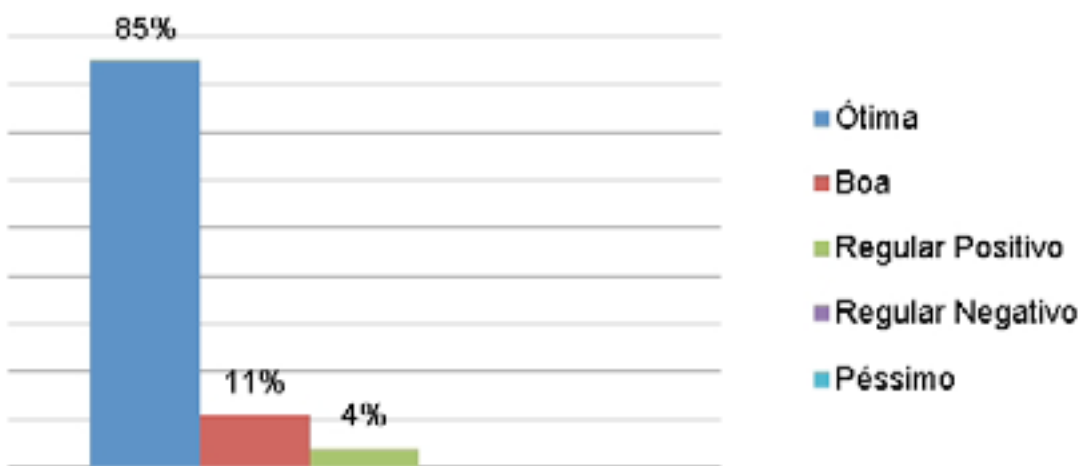


Fonte: Pesquisa dos autores.



Quando se questionou a avaliação dos visitantes diante da hospitalidade propriamente dita por parte dos “anfitriões-moradores” (Gráfico 6), pôde-se notar que a avaliação também foi, em grande parte, positiva. Majoritariamente, têm-se a avaliação dos entrevistados como ótima, diante de uma minoria que avaliou essa receptividade como boa ou regular positiva. Da mesma forma, observa-se que não houve nenhuma opinião negativa com relação à acolhida dos moradores das repúblicas. Podemos presumir, então, que o ambiente doméstico tido como jovem, alegre e dinâmico destas atrai e agrada a maioria das pessoas que o frequentam, enquanto prática comercial, facilitando as trocas sociais e culturais provenientes da convivência entre pessoas advindas de locais e grupos sociais diversificados.

**Gráfico 6 – Avaliação dos entrevistados com relação à receptividade dos republicanos**



Fonte: Pesquisa dos autores.

Por fim, através de toda a pesquisa quantitativa, pôde-se perceber que o tipo de visitante que opta pela “hospedagem” nas repúblicas estudantis da UFOP caracteriza-se tanto de mulheres quanto de homens, sendo, majoritariamente, jovens, pertencentes à faixa etária entre 21 e 30 anos, que cursam o ensino superior ou já concluíram a graduação e exercem suas profissões, advindos de cidades do interior do estado de Minas Gerais. Os mesmos obtiveram informações sobre tal “hospedagem” através de conhecidos, pois já conheciam algum morador. No geral, vieram a Ouro Preto acompanhados de amigos, em período de férias ou para lazer, e permaneceram nas repúblicas por 3 a 5 dias. Repúblicas estas, na maior parte, masculinas, particulares e localizadas no centro histórico.

Ainda na pesquisa realizada com os “turistas-hóspedes”, exigiu-se destes que definissem pontos positivos e negativos observados durante suas “hospedagens”, bem como o que consideram o diferencial das repúblicas em comparação com os meios de hospedagem comerciais de Ouro Preto. Diante de todas as respostas descritivas, considerou-se reuni-las sumariamente em uma análise SWOT, que nos permite auxiliar, de maneira mais didática, a compreender a representatividade dessas moradias estudantis no âmbito da hospitalidade e da oferta de estadia na cidade. Este tipo de análise contribui para que sejam observados os “pontos fortes que ainda não foram utilizados” e “alguns pontos fracos que podem ser corrigidos”, como afirma Valim (et al, 2010, p.3).

Assim, com o modelo SWOT (Tabela 1) foi possível sintetizar informações, para efeito didático e propósito como fruto dessa pesquisa, diversificadas sobre a qualidade e satisfação diante da oferta das repúblicas sob vários olhares e perspectivas, objetivando detectar tanto os aspectos que fortalecem e justificam a grande procura pela “hospedagem” nestas repúblicas, quanto os aspectos que podem se tornar responsáveis pela criação de uma imagem negativa das mesmas no âmbito dos meios de hospedagem e, para estes visar melhorias onde for necessário.

Ainda de acordo com os pontos analisados, pode-se notar que a avaliação das repúblicas feita pelos “turistas-hóspedes” apresentou mais características positivas do que negativas com relação a vários quesitos. Assim, foram destacados como pontos fortes das repúblicas, principalmente, a receptividade dos republicanos, representando um grupo hospitaleiro, que preza pelo bom acolhimento com os estrangeiros, diante de um valor bastante acessível, bem como pela sociabilidade, solidariedade e boa convivência, criando um ambiente marcado pela coletividade e confiabilidade mútua, sem se esquecer do respeito, da segurança e da organização, que traz sempre benefícios para ambos os lados da relação hospitaleira que envolve a “hospedagem” nas repúblicas. Dessa forma, os pesquisados também relataram ser positivo o fato desta “hospedagem” caracterizar uma experiência única de conviver no ambiente das moradias estudantis ouropretanas.

**Tabela 1 – Análise SWOT da hospitalidade nas Repúblicas Estudantis da UFOP.**

<b>PONTOS FORTES</b>	<b>PONTOS FRACOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Receptividade.</li> <li>- Sociabilidade.</li> <li>- Experiência única de conhecer as tradições únicas das repúblicas de Ouro Preto.</li> <li>- Preço acessível.</li> <li>- Organização.</li> <li>- Coletividade.</li> <li>- Confiabilidade mútua.</li> <li>- Segurança.</li> <li>- Respeito com os hóspedes.</li> <li>- Boas estruturas para hospedagem.</li> <li>- Simplicidade.</li> <li>- Solidariedade.</li> <li>- Regras menos impositivas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de privacidade.</li> <li>- Falta de conforto.</li> <li>- Quantidade de pessoas.</li> <li>- Infraestrutura limitada.</li> <li>- Desorganização.</li> <li>- Participação direta no sistema republicano (trotes).</li> <li>- Falta de limpeza.</li> <li>- Falta de profissionalismo para hospedar.</li> <li>- Barulho.</li> <li>- Hierarquizar o convívio.</li> </ul>
<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trocas culturais.</li> <li>- Maiores opções de lazer e diversão.</li> <li>- Proporciona maior desejo de retornar a Ouro Preto.</li> <li>- O envolvimento com as pessoas é potencializado.</li> <li>- Ambiente familiar.</li> <li>- Tratamento pessoal.</li> <li>- Inserção do visitante na rotina da casa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensação de invasão à rotina dos moradores.</li> <li>- Incompreensão do sistema republicano.</li> <li>- As relações veterano/calouro são demasiadamente impositivas desses e danosas para estes.</li> <li>- Expor uma pessoa a situações embaraçosas.</li> <li>- Se apropriar dos esforços de outrem em busca de vantagens e conforto para si mesmo.</li> </ul>

Fonte: Pesquisa dos autores.

Em contrapartida, os visitantes também caracterizaram pontos que consideram fracos diante do que puderam observar do funcionamento das repúblicas, como a falta de privacidade, conforto, limpeza e organização, diante do número de pessoas que costumam “hospedar”, a oferta de uma infraestrutura limitada e de um serviço pouco profissional, além da participação involuntária com relação às regras das repúblicas, a hierarquização do convívio e a prática dos trotes, considerada por muitos, prejudicial e negativa.

Consequentemente, foi possível detalhar também tanto oportunidades quanto ameaças em comparação com os meios que oferecem hospitalidade comercial na cidade. Como oportunidades, consideraram-se, principalmente, as repúblicas como ambientes mais propícios a trocas culturais do os outros meios de hospedagem, pois nestas o convívio entre as pessoas é potencializado e percebe-se muito mais um ambiente familiar diante do tratamento pessoal que se dá a todos os seus “hóspedes”. Logo, preza-se pela inserção do visitante na rotina da casa, de forma que este possa tirar mais proveito da estadia, o que, na maioria das vezes, resulta em um maior desejo de retornar a Ouro Preto e às repúblicas.

De modo contrário foram relatados alguns pontos que caracterizam ameaças à oferta das repúblicas em comparação com a oferta da hospitalidade comercial ouopretana, como o sentimento de invasão de privacidade por parte dos “turistas-hóspedes”, bem como a consideração das relações calouro/veterano como impositivas e danosas, o que nos traduz, no geral, a incompreensão do sistema republicano por parte de alguns visitantes, que estão ali temporariamente como meros espectadores, e não se identificam com as regras que são impostas em tal sistema. Esses pontos de vista podem ser significativamente negativos para as repúblicas, de forma a distorcer a imagem destas como um potencial de oferta de hospedagem na cidade de Ouro Preto.

No entanto, salientamos que este último não consiste em ponto de análise do presente trabalho, pelo fato de estar relacionado também com fatores judiciais de uso público e privado dessas repúblicas, os quais não foram considerados para esse trabalho. Justifica-se isso pelo fato do foco central dessa pesquisa ser a hospitalidade e não essencialmente o uso legal do espaço pesquisado, sendo este considerado apenas como um objeto para uma análise macro a qual vincula a teoria da hospitalidade em seu caráter doméstico e comercial.

Contudo, de forma geral, pode-se considerar que as repúblicas representam uma forma de “hospedagem” dinâmica, porém, satisfatória para a grande maioria que desfruta desta, o que pôde ser observado através da grande maioria de avaliações e opiniões positivas a respeito do funcionamento dessas e da estadia em si.

## **Considerações Finais**

A presença das práticas de hospitalidade pode ser notada em toda e qualquer sociedade, desde os primórdios da civilização, caracterizando o ato de acolher o outro, um fato social marcado pela dádiva e pela troca, pelo processo de inserção do indivíduo ao meio social para que se sinta parte deste.

No caso desse estudo, propriamente dito, o casamento entre a base teórica e a pesquisa de campo envolvendo “turistas-hóspedes” das repúblicas estudantis da UFOP nos permitiu pontuar e analisar considerações feitas por estes e traçar um perfil genérico do visitante que opta pela estadia nas repúblicas, de forma que pôde-se tirar algumas conclusões acerca da representatividade das práticas de hospitalidade sob o âmbito dessas moradias estudantis, que se faz presente em vários momentos do cotidiano dos jovens que a vivenciam, tanto na preocupação em manter as tradições, dando continuidade às repúblicas, prezando por um bom relacionamento entre os membros, sendo estes atuais ou ex-moradores, esforçando-se para que estes continuem se sentindo “em casa” mesmo após de formarem, quanto

no desejo de tornarem a “hospedagem” de estrangeiros mais que um simples dar abrigo, permitindo que ocorram trocas culturais e de experiências, que podem ser responsáveis pelo engrandecimento de ambos os atores, além de instigar a compreensão e o respeito pelas diferenças.

Portanto, a realização da pesquisa quali-quantitativa foi essencial para que se pudesse analisar parte da realidade prática da hospitalidade no contexto das repúblicas e sua oferta de “hospedagem”, análise esta objetivo desse estudo, e, diante dos resultados obtidos. Pode-se considerar, ainda, que a hospitalidade caracteriza fatores de distinção para os “turistas-hóspedes” que se “hospedam” nas repúblicas estudantis, enquanto diferencial da oferta da hospitalidade comercial em Ouro Preto pelo modo de acolhimento dos “anfitriões-moradores”.

Observou-se, portanto, uma avaliação majoritariamente positiva com relação à receptividade dessas, em uma associação entre o bom acolhimento, a existência de um ambiente familiar, onde coexistem liberdade e respeito, levando-se em consideração a relação direta entre a hospitalidade e as tradições de cada grupo social, onde toda e qualquer cultura apresenta problemas no âmbito das relações humanas e suas trocas. Tais relações parecem estar em sintonia com o caráter da mineiridade, representados nesse espaço por meio da prática da proximidade humana, fator este, considerado com o princípio de troca simbólica para um espaço hospitaleiro e do sistema do dom.

## **Referências Bibliográficas**

AMARAL, Aline Tomaz. A prática da hospitalidade comercial e a representação da mineiridade em Ouro Preto. 2014. 78 f. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2014. Acesso em Mar/2014.

BEZERRA, Sandra Regina Zúniga de Souza. Apontamentos sobre Hospitalidade, Turismo e Modernidade. Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Vol.12, Nº2, 2007. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revcesumar/article/viewArticle/567>>. Acesso em Jun/2013.

DALPIAZ, Roni Carlos Costa; DAGOSTINI, Aline; GIACOMINI, Deisi Moraes e GIUSTINA, Maria da Glória de Souza Della. A Hospitalidade no Turismo: O Bem Receber. Revista de Divulgação Científica ULBRA Torres – Conversas Interdisciplinares, vol.I, 2008. Acesso em Jun/2013.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. As Repúblicas Estudantis e seus Significados. 26ª

Reunião Brasileira de Antropologia, 01 e 04 de Junho. Porto Seguro, Bahia. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2031/isauroara%20claudia%20martins.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2031/isauroara%20claudia%20martins.pdf)>. Acesso em Dez/2013.

GODOY, Victor Vieira. A Coleção do Museu da Escola de Farmácia da UFOP. In: GRANATO, Marcus e LOURENÇO, Marta C. Coleções Científicas Luso-Brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST, 2010.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. Revista Hospitalidade. São Paulo, Ano III, Nº2, p.29-50, 2006.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. Minas Gerais e o mito da cornucópia da abundância. II Encontro Memorial do ICHS: Nossas Letras na História da Educação, 11 a 13 de novembro. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

MALTA, Eder. Identidades e práticas culturais juvenis: as repúblicas estudantis de Ouro Preto. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, 2010. Acesso em Out/2013.

\_\_\_\_\_. Práticas Culturais Juvenis: O “Rock” das Repúblicas Universitárias de Ouro Preto. III Fórum de Identidades e Alteridades – Educação, Diversidade e Questões de Gênero, 11 a 13 de novembro. Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2009.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Trad.: António Filipe Marques. Edições 70: Lisboa, 2008.

MONTEIRO, Marcelo da Graça. As Relações entre Hospitalidade e Turismo: Análises e perspectivas dos ambientes em que ocorrem. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, 7 e 8 de julho. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <[http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenu/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_4/gt14](http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenu/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/gt14)>. Acesso em Jun/2013.

NEVES, Ronaldo Mendes. Comunicação Institucional na Hospitalidade Pública de Ouro Preto. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 28 a 30 de junho. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1339-1.pdf>>. Acesso em Nov/2013.

VALIM, Alexandre; et al. s/d. O Modelo SWOT. Disponível em:<<http://www.administradores.com.br/producao-academica/analise-swot/3060/download/>>. Acesso em Mai/2014.